

Como sempre acontece no começo do ano, o primeiro bimestre de 1981 esteve repleto de previsões e esperanças de uma agricultura mais farta. Os números saíram, aos montes, dos órgãos oficiais e entidades de classe, numa complicada rede de porcentagens e estatísticas capazes de se confundir nas próprias vírgulas.

Entre promissoras safras recordes e magníficas exportações, o que se preconiza é uma coisa só: este ano vai ser melhor que o ano passado. E aí se derramam os números, tratando de apagar a memória das previsões falidas por anos a fio.

Da parte da Cacex, por exemplo, acredita-se que apenas nove produtos renderão cerca de US\$ 10,3 bilhões de receita cambial em 81. E isso significa nada menos que 40% dos US\$ 26 bi que o Brasil espera exportar até o fim do ano. Os produtos são, pela ordem de importância: soja, café, açúcar, cacau, carne bovina, suco de laranja e carne de frango.

Só os três primeiros, juntos, alcançam a cifra estimada de US\$ 7,2 bi, considerando-se a atual tendência de preços no mercado internacional. Em volume, isso quer dizer que precisamos colher 15 milhões de toneladas de soja; exportar 17 milhões de sacas de café e superar a exportação de açúcar de 1980, que chegou a 2,6 milhões de toneladas.

Quanto aos grãos, tudo bem. A Comissão de Financiamento da Produção (CFP) prevê uma safra de até 15,6 milhões de toneladas de soja para 81, apenas no Centro-Sul do país (que, diga-se de passagem, é responsável por quase toda a produção de soja). O café já apresenta uma controvérsia: segundo os exportadores, a meta vai ser superada e o Brasil vai colocar de 25 a 30 milhões de sacas no mercado internacional. Conforme os produtores, entretanto, a meta pode não ser alcançada, ficando suas previsões entre os 13 e 17 milhões de sacas.

O açúcar tem boas perspectivas e um porém: se os produtos se entusiasmarem demais com os bons preços e transformarem todos os canaviais no produto, a exportação pode ser embargada. É que lá de Brasília veio um aviso: a meta do Proálcool é intocável e, se precisarmos, transformaremos o açúcar em combustível.

## Os "chutes" dos estatísticos

Mas tudo isso é conto de fada, se olharmos para o lado da agricultura de consumo interno. Aí as previsões são tão desencontradas, tão distantes entre si, que se torna realmente difícil decidir em quem acreditarmos.

Para confrontar apenas duas fontes, consideremos os respeitáveis IBGE e CFP (\*). Segundo a Comissão de Estatísticas Agropecuárias do IBGE, o aumento de área plantada em 81 será da ordem de 2,3% em relação a 80. Na CFP o otimismo é maior: de 5 a 6% de aumento sobre 80.

Dividindo pelas culturas básicas e considerando o aumento de produtividade, a previsão de produção fica ainda mais destoante. Para o arroz, por exemplo, o CFP prevê um aumento de 2%, enquanto o IBGE aponta um decréscimo de 2,9%. Nas contas da CFP, o Brasil deverá produzir 10 milhões de toneladas de arroz este ano.

Na aposta do feijão, a CFP larga na frente com um aumento de 34%, creditado na conta do Profeijão. O IBGE, mais modesto, fica com um acréscimo de 27,3% sobre o ano passado.

Para quem não sabe, o Profeijão pretende aumentar em 260% a produção de feijão das secas no Estado de São Paulo. Ou seja, elevar de 580 mil sacas/ano para 2,1 milhões de sacas. Seus principais trunfos são: o desenvolvimento (pela Embrapa) de uma variedade de feijão capaz de produzir três mil quilos por hectare e a continuidade de uma política de finan-

ciamento que beneficie o pequeno e médio produtor.

Quanto à previsão do milho para 81, a coisa complica um pouco. O milho foi uma das culturas mais incentivadas em 80, apesar da importação ter sido necessária. Em vista disso, a CFP prevê uma nova safra recorde, com um aumento de 14% e a produção de 21,4 a 22,4 milhões de toneladas (no Centro Sul). O IBGE, ao contrário, sai com os maus presságios de um mini aumento: 1,1%.

Como se vê, em qualquer uma das três culturas básicas de mercado interno as diferenças estatísticas de um e outro órgão são gritantes. Elas representam os extremos das previsões divulgadas neste começo de ano, e o que é pior, com a mesma idoneidade.

Se acreditamos na CFP, com uma ajudazinha das condições climáticas, pode ser que desta vez a panela dos brasileiros se encha. Se acreditamos no IBGE e, como sempre, a meteorologia falhar, teremos um ano negro pela frente.

Se ficarmos entre os dois, tudo bem. Pelo menos vamos resistir até o ano que vem, quando, definitivamente, tudo vai ser bem melhor... ■

(\* Os dados percentuais do IBGE e CFP foram publicados pelo jornal Folha de São Paulo, em 14 de janeiro de 1981.

Texto: Liana John

# Tudo bem, no ano que vem.